

A BARCA DE RÁ

POEMAS DA TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS

Isabel Furini



A BARCA DE RÁ

**POEMAS DA TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS
PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS**

ISABEL FURINI

“A morte nos pensa” – Otávio Paz

*

ESCLARECIMENTO:

Na Enéada o deus Rá (o Sol) surgiu de um ovo (segundo outras versões de uma flor) que apareceu sobre a superfície da água.

Rá (tem quatro filhos)

Shu e Geb e Tefnet e Nut

Geb e Nut também tem quatro filhos:

Seth e Osíris

Ísis e Neftis

PREFÁCIO

SOBRE A ETERNIDADE

por Bárbara Lia

O sonho do homem é permanecer. Para isto gera filhos, planta árvores, realiza projetos e busca, de várias maneiras, imprimir seu nome no mundo de forma pétrea. Algo que nada lave, apague, queime, desintegre. Algumas edificações atravessam Milênios. As civilizações imprimem conhecimentos que gerações futuras replicam. Em cada nome que se perpetua um feito de galhardia, de ciência, de conquista. Alguns também se perpetuam por iniquidades, como Jack o estripador, do qual nem sabemos o real nome. Sabemos que existiu e foi feroz. O escritor é o que se eterniza por traz de máscaras, com muitos nomes, a caminhar por muitas cidades e a sentir de várias formas o rio da vida em suas veias. O escritor é o que cria uma realidade metafísica que migra para o papel como fato e tudo isto acaba por ser eternizado mais que o criador. O mistério da Arte imprime esta flor de fogo nas entrelinhas e permite que um mortal comum, por vezes calado e tímido, se torne eterno. Nem sempre o autor é afeito a arroubos como quem ele cria. Ficam os enredos a guiar corações em êxtase, que leva a um momento inacreditável, onde a respiração se faz opressa e, dentro de nós esta incredibilidade: como alguém conseguiu escrever algo tão lindo!

O texto que inicia esta apresentação é minha forma de dizer que, para alguns, os personagens dos livros são tão sagrados que acabam confundidos com as coisas do dia, da vida e não são colocados como algo apartado da vida materializada. O escritor é o mago que consegue derrubar uma fina parede entre os mundos. Para os leitores estes personagens são tão reais como o vizinho que nos chateia com os barulhos na madrugada, ou a mulher que nos saúda no supermercado.

O livro A BARCA DE RÁ - POEMAS DA TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS adentra um universo fictício para plasmar um mundo onde personagens de livros se encontram em uma barca em uma travessia rumo ao mundo dos mortos. É possível que este mundo antigo te engula e entres em uma espiral de mitos e símbolos. É uma viagem sonora, lavada em imagens, onde a angústia, o êxtase e o medo te tocam e tudo conchama a pensar nesta possibilidade, de que nossos maiores ícones da Literatura acabem por morrer nas veias de um tempo (presente) onde a vida se resume a *likes* na rede social, a encontros cibernéticos lavados em puro ego, palavra que evaporam ao acabar de ser proferida. Estas coisas deste tempo - líquido - segundo Baumann. Fica esta angústia de que consigam roubar a eternidade da Eternidade, de tudo que o mundo calcificou em matéria de Arte impressa nos livros. No instante seguinte, um pensamento consolador a garantir que desde que o mundo é mundo, os leitores se perpetuaram à margem dos modismos, convenções, etc. E o pensamento consolador dilui no ar uma barca plasmada, onde personagens atravessam portais para a morte.

O livro traz uma narrativa lírica, com direito ao coro, à moda do Teatro grego, o que traz uma aura de gravidade aos acontecimentos. A autora dá voz aos personagens canônicos e atira uma chuva de interrogações sobre a gênese de um livro, sobre o papel do autor: esta eterna dúvida se é ele que imprime força aos personagens, ou são os personagens que se impõem advindos deste espaço misterioso chamado - criação. Nesta barca, a autora veste a pele dos personagens em discursos vários: Dom Quixote fala de lutas e Úrsula de Cem Anos de Solidão, espanta-se por ser ficção dentro da ficção. As fala das inúmeras personalidades ecoam em uma barca impossível, plasmada para debater o mistério da criação e da criatura no universo da Literatura. A eternidade - ou não - dos que habitam este universo paralelo do imaginário. Resta ao coro deixar no ar a pergunta:

*e se os humanos
fossemos apenas
personagens exilados
de um livro virtual
construído no passado?*

Bárbara Lia é poeta e romancista.

CAPÍTULO 1

TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS

INTRODUÇÃO



NARRADOR

corcovas das horas
- é noite de Lua Nova
e a barca de Rá está no céu
Anúbis permanece na barca
(sobre seu rosto uma máscara
nas mãos um caduceu)

pensa o chacal
:
entre as ideias e as palavras existem divergências
subtis silêncios e ausências

Escuta-se um coro no silêncio

:

CORO 1

*as ideias são o espaço angular do deserto
e delas escorregam
as areias das palavras
e o sagrado verbo*

NARRADOR

sob a luz da Lua a barca de Rá flutua

flutua
um templo no anverso de um papiro sagrado
que navega
entre as estrelas do firmamento
revela o destino dos personagens mortos
(seus nomes secretos
estão escritos em doze amuletos)

o *Tyet* - o laço de Ísis
é um dos ardis
usado para dominar os personagens
os personagens murmuram
e ainda que suas vozes estejam em defasagem
são ouvidas pelo finíssimo ouvido do Chacal
como a suave música da harpa (um som celestial)

CORO 2
personagens
(emaranhados nas areias do tempo)
avançam sobre o rio
entre cones de sombra
e sombras de esquecimento

NARRADOR

Anúbis - senhor da “segunda morte”
de pé
mudo e quieto na proa da barca
olha o céu
nas suas mãos brilham talismãs sagrados
nos ombros rajadas de vento
nas pés sombras e silêncios
nos olhos a imagem de 12 amuletos

Hórus – o intelectual -
poderoso no mundo paralelo
coloca no pescoço
o amuleto com os símbolos do sagrado *Duat*
e pronuncia frases de encantamentos
Hórus se oculta entre as vírgulas do passado
e grita (em trilógicas)
os nomes dos personagens mortos

Ecoam os nomes pelas margens do Nilo
(abrem bocas e ouvidos
os grandes crocodilos)

os personagens sobem na barca de Rá
a tristeza assola
a mágica nave guiada pelos deuses
fortes remadores
cantam ao imortal Sol nascente
:

Rá

Rá

Rá

**TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS
PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS**

CAPÍTULO 2

**CANTO 1
A MANEIRA DE PRÓLOGO**



CORO 1
os personagens percebem
:
a voz da morte
e as cinzas da morte
e as árvores sem folhas
e os livros sem finais
e o vento do deserto
batendo nos umbrais

NARRADOR

projeta-se a Enéada – avança
sua poderosa sombra protetora
sobre a alma do poeta
que voa sobre os campos de cevada

projeta-se a Enéada
:
o sol do ocaso
ilumina a enseada
e seus raios
enredam-se
nas letras do alfabeto
sopram ventos
de palavras e constroem contos
e crônicas e romances e sonetos
no recinto eneagonal da mente

projeta-se a Enéada
sobre os abstratos símbolos desenhados
na barca noturna (Mesektet)

:

adormecem os vocábulos entre os lábios
dos personagens mortos e dos remadores angustiados
enquanto os deuses marcam o rumo com suas mãos
os personagens contemplam na proa e na popa
vestidos com suas mais típicas roupas
carregando abismos na mente e nas mãos

CORO 2

*de onde surgiram os personagens?
da mente dos autores?
de ideias fugazes?
são simples camuflagens do eu do escritor
cuja vaidade cria um fio
(fio condutor)
da sua mente até a mente
de algum personagem receptor?*

iluminada por luzes astrais
a geométrica biblioteca do mundo
(construída em galerias hexagonais
como foi revelado por Borges em um conto)
constitui o sonho dos personagens mortos

sonham os personagens
sonham com leitores de olhos profundos
(vorazes)
percorrendo as páginas
com risos e lágrimas
mas se antes de chegar ao desenlace
os leitores abandonam os livros
(com gestos destruidores)
dizendo que a voz narrativa desafina
ou é artificial ou sobram flores
ou reclamam porque é longo o percurso

e sobram palavras no discurso
ou porque o herói não é herói
e a heroína com postura ladina
faz lembrar de uma ave de rapina

e fecham o livro
(sacudindo as águas de um mar profundo)
ouvem-se sons de tétricos oráculos
e os heróis são dominados
por devastadores sentimentos de agonia e desamparo
percebem a amargura nas línguas e nas mãos
e a obra é ofuscada pelo esquecimento
pela poeira e pelo vento

e turbilhões de personagens mortos
choram o passado
(tristes e rastejantes
imploram sair do esquecimento
negando-se a percorrer a senda dos mortos)

CORO 3

*e os pobres personagens antes do julgamento
descobrem que suas vidas
foram somente moinhos de vento
ou simples ironias*

NARRADOR

desgarra-se a noite sobre os campos de cevada
(a noite tão escura
a noite tão calada
a noite reflexiva
tão velha e desdentada)
escondem-se as estrelas e as nuvens
açoitadas por medos e tristezas

fazem acrobacias e os personagens observam
cidades e túmulos e túmulos e lembranças
e hieróglifos invisíveis
e ideias inexauríveis
formando tormentas literárias no ar

Madame Bovary fala de perfumes

e de joias

e de sedas

e de veludos

e de festas

e de amantes

e chora seu destino que podia ser brilhante

dançam os verbos entre as areias do passado

dançam

Ofélia percebe nesse instante

que foi só uma marionete nas mãos de Shakespeare

talvez uma marionete amarrada com fios invisíveis

pois qualquer escritor é um titeriteiro

ou semelhante a um arqueiro

e faz sofrer os personagens

procurando afastar a tristeza e a dor

ou tentando preencher o vazio interior

alguns dos personagens foram criados com frases indecisas

vestidos de palavras abstratas

imprecisas

(algumas sem sentido)

e suas vidas são arrastadas pelas águas do rio

e ficam sem alento
e se apagam no mar do esquecimento
mas outros - como Ramsés
ainda mortos permanecem ousados
o olhar ainda é firme como uma rocha

Aquiles tem o olhar atento
poderoso e violento

Guilherme de Baskerville
pensa que as águas são espelhos
e sombreiam pensamentos
:
se o mundo do espelho é um mundo paralelo
talvez um outro “eu”
um outro Guilherme esteja lendo
a vida dos leitores que ao nascer desenham
um destino feliz ou um destino perverso
nesse mundo do avesso

Guilherme de Baskerville escuta
o vento intensificar o seu assovio
e ulular na alma dos personagens mortos

ADENDO

FALA DE UM PERSONAGEM ANÔNIMO

chegou a hora de fazer a travessia
a passagem aquática e depois
(no deserto)
enfrentar a paciente serpente do além

primeiro o silêncio encobrendo as águas lentas depois o vaivém
das emoções
ainda sonolentas
brilhando nas constelações sobre o cenário
de sonhos e de paixões

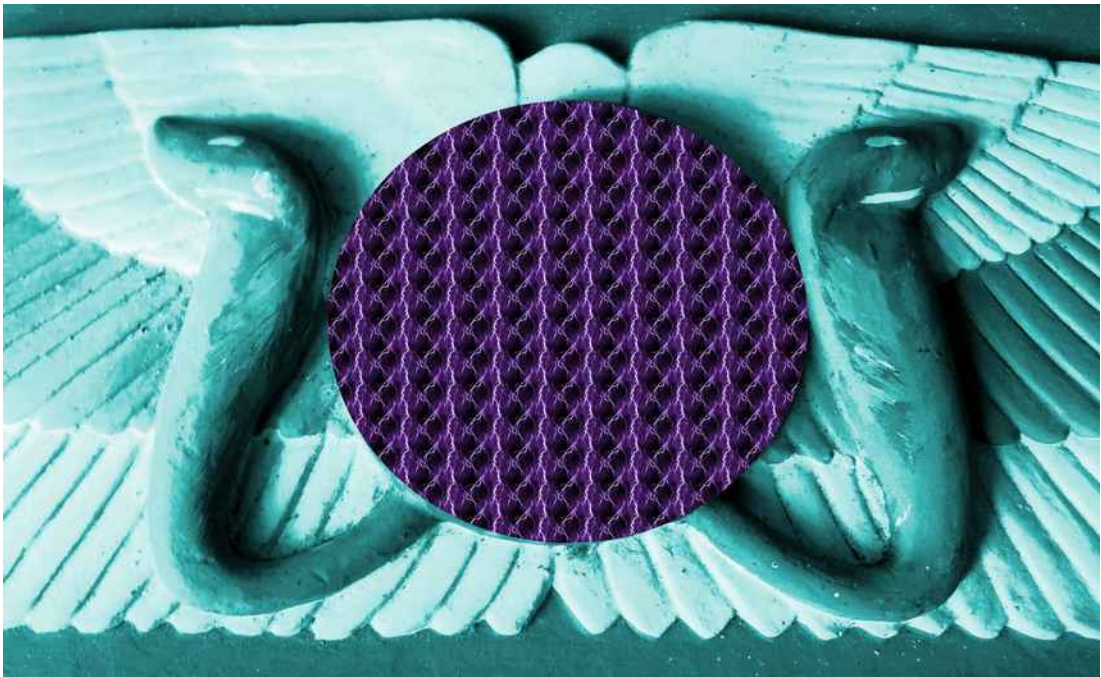
a solidão asfixia
os olhos fixos e as mãos imóveis
escoam histórias de amor e de ódio
sobre o manso rio sinuoso e sussurrante

o sopro dos deuses exala morte e vida
o ar roça os corpos
corpos cuja substância são palavras e sonhos

CAPÍTULO 3

TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS

PRIMEIRO PORTAL



ESCLARECIMENTO: *É preciso passar um desfiladeiro. A alma anda entre duas montanhas, em cada uma estão 12 deuses guardiães. Perto das montanhas um lago de águas ferventes tem superfície fria ao toque. Continuando a travessia tem um oásis. No fim do desfiladeiro, mais deuses que falam: Entrem em paz.*

CORO 1

*a barçaça avança pelo rio
aproximando-se
do vórtice do submundo
e as almas silenciam
silenciam as almas
a nave silencia
e silencia o mundo*

NARRADOR

avança sobre as águas ao golpe de dez remos de cedro
poderosa
assustadora
a barçaça de Rá - Mesektet
(Rá – o sagrado pai da Enéada)
Sírius não está no céu
nesses 70 dias de escuridão e mistério
o rio é mais escuro
e as almas sentem medo

a barcaça avança até os confins do mundo
confins de vento e de silêncio
(limitados por frágeis vocábulos
as almas dos personagens sentem medo)
quando a nave atravessa esses orbes sombrios
só esse rio profundo parece murmurar
escuta-se de longe de lúgubres cubículos
os sons de 12 deuses que zumbem como abelhas
lembrando o movimento
de asas transparentes de milhares de libélulas
mexendo-se no ar

uma curva no rio
sob o uivar de Anúbis
agitam-se as plantas de papiros
escutam-se os suspiros de Ana Karenina
enquanto lá no Céu
esconde-se a tímida Lua

majestoso e belo com sua capa sideral
Anúbis dirige seus olhares além do rio da linguagem
e das dissertações
procurando (no mundo do umbral)
entender a alma de cada personagem
continua a viagem (de medo e pesadelo)
os personagens gesticulam nas sombras
vislumbram rostos na penumbra do mundo paralelo
mapeiam lembranças registradas nos livros
vertiginosos ecos do passado
são espreitados pelo deus que leva nas suas mãos
Hekat (o poderoso cajado)

sucumbem eternidade e tempo
quebram o silêncio
as vozes dos personagens mortos
com impassibilidade eles permanecem na barcaça
enquanto a fumaça do passado distante
torna-se sufocante

as minúsculas gotas das águas do rio
dão continuidade as vozes dos deuses
elas murmuram e urdem tramas
com a atmosfera oxidante das cidades
percorridas nos livros de aventuras
nos quais os personagens
(com bravura) enriquecem o enredo
murmúrios ferem as fantasmagóricas criaturas
os personagens percebem vertiginosos ecos do passado
num círculo de lembranças

os personagens mortos
de pé
nessa barcaça
olham as ferventes águas tão frias ao toque
sempre que eles invoquem
os nomes soberanos dos doze deuses
invisíveis
esses deuses inatingíveis
querem escutar os sons límpidos de seus nomes
(um desejo voraz)

pronunciados os nomes
os doze deuses respondem:

“Personagens: Entrem em paz”

CORO 2

*Os leitores sonham
nos sete corredores
e nos sete recintos
de sete templos místicos
dedicados à Toth*

ADENDO

FALAS DOS PERSONAGENS

(Don Quixote de Miguel de Cervantes, Hercule Poirot de Agatha Christie, Memórias Póstumas de Brás Cubas de Machado de Assis, O Mundo de Sofia de Jostein Gaarder, O Barão das Árvores de Italo Calvino, Ulisses de James Joyce e Cartaphilus do Imortal de Jorge Luiz Borges)

Don Quixote observa (curioso)

e pergunta ao Sancho

:

quantas lutas são necessárias

para matar os gigantes

desse rio pantanoso?

- Monseiur Poirot comenta

:

estamos em um local abismal

a barcaça não tem bússola

e o comandante é um gigante

com cabeça de chagal

a pergunta de Brás Cubas

açõita o ar

:

isto é uma miragem?

quem sonhou trama e personagens?

ressoa a pergunta de Sophia

:

somos seres de papel

alguns brilhantes
outros, medonhos
somos subtis como o perfume
ou somos um simples sonho?

fala um personagem anônimo
:
somos parte do espaço
limitados dentro de um enredo
(como escreverá Madame Blavatsky
ao desvendar Ísis e seus mistérios)
somos somente um laço
para amarrar as flores de um buquê de pensamentos?

Ulisses não se surpreende
no labirinto do universo ficcional
observa os remos refletidos nas águas
como prateadas teias de aracnídeos

o Barão das Árvores afirma
:
em alguma dimensão isto deve ser real

*“um homem muito magro e terroso,
de olhos apagados e barba cinzenta”*

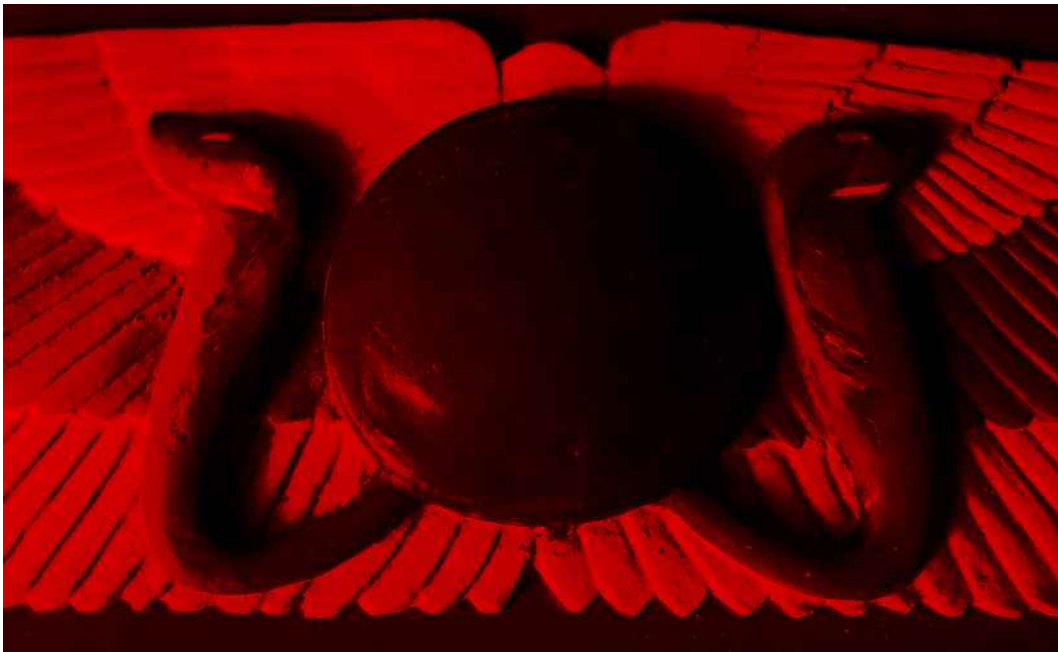
Cartaphilus (homem misterioso)
murmura com voz sobrenatural

:
somos seres construídos por palavras
todos estamos imersos no alfabético caos primordial

CAPÍTULO 4

TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS

SEGUNDO PORTAL



ESCLARECIMENTO: *A barca chega a uma região do Duat muito árido - os rios estão sempre secos. A embarcação é transformada em barco de terra para atravessar a região.*

CORO 1

*o vento agita as areias
as águas e os bambus
a luz da Lua cheia
emana
do olho esquerdo de Hórus*

NARRADOR

a Lua não brilha
(dorme essa pérola prateada)
ferida pela espada
da cruel escuridão

escuta-se o silêncio
ecoam lembranças de fel e de mel
lembranças das águas primordiais da vida
fazem tremer esses seres de papel

CORO 2

*o passado transmutam-se em presente
no alambique da memória
muda-se o tempo
o tempo
(sempre o tempo)*

nesse deserto inóspito de areias e de vento
o solo é muito árido e os rios estão secos

(corcoveiam os sonhos rumo ao esquecimento)
o tempo desértico ancora nas pupilas
a barca se transforma e anda sobre a terra
as armas dos personagens-soldados cintilam
mas a irônica gargalhada do chacal
amedronta os inimigos e as aves de rapina

nessa nave orientada pela força do astral
alguns personagens esquecem do chacal
e dialogam sobre o mundo do além
Ramsés de Christian Jacq
magicamente fala com a alma imortal
do verdadeiro Faraó Ramsés

expiram os olhares
contemplando o horizonte
imóveis nessa nave (fitados pela noite)
tremem os personagens dos livros
suspiram deliram e conspiram
tatuados nas palavras
cinzelados nos versos
alguns são transparentes
mas outros são perversos
e outros ainda receberam a marca
da décima terceira carta
do tarô
e enfrentam destinos adversos

e Hamlet (prisioneiro entre o ser e o não ser)
disse que é difícil ser quem ele é
(ambivalente ser)

pensa Casanova

:

os personagens devemos renunciar ao medo de novas horas

porque elas não virão

é como bater o mesmo remo da mesma canoa

no mesmo espaço-tempo

personagens somos seres imersos no passado

somos seres diversos

mas de nada servem os braços levantados

as pálpebras abertas

os passos na penumbra da calçada deserta

nós já estamos completos nas páginas escritas

(na solidão

no idílio

nos interstícios das frases)

enterrados nas palavras

nascemos e morremos nas páginas de um livro

somos filhos de jogos linguísticos e tristes exílios

tantos exílios

tantos

servindo de utensílios para aumentar o encanto

da história registrada em folhas amareladas

pelo tempo e o olvido

aquele “eu” prisioneiro nas garras da morte

ou esquartejado por críticos ignóbeis

poderá fugir pelo túnel das palavras

e se refazer em outro livro com as cores do arco-íris

para ser considerado filho de Osíris?

os personagens viajam em letras e em silêncios

em sons e em pesadelos
em traços sombrios
desenhados nos sarcófagos
ou cinzelados sobre as águas
pelas naves de cedro que avançam em mares abertos

tristes estão a Pequena vendedora de Fósforos
e o Príncipe Feliz
Ivan Ilitch lembra-se de como foi assassinado
Madame Bovary (senhora aristocrática)
quer ser presenteada
com joias de esmeraldas

CORO 3
*alguns personagens choram
imersos em seu próprio eu
a barcaça de Rá
avança no túnel do silêncio*

ADENDO

MONÓLOGO DE AURELIANO BUENDÍA

(Personagem de Cem Anos de Solidão de García Márquez)

lembro-me

:

lembro de Macondo

os anos

secaram minha voz

e minha visão está confusa

cadê a minha idosa mãe?

cadê a minha musa?

cadê Úrsula?

cadê minha vida?

meu rango militar?

neste rio misterioso

o passado afunda nas águas

aqui só Anúbis é poderoso

o resto - o resto é história

nas páginas dos livros

ou sombras da memória

o resto é somente passado tortuoso

(tudo é parte desse céu misterioso)

CAPÍTULO 5

TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS

TERCEIRO PORTAL



ESCLARECIMENTO: *Pela terra oculta de Seker (terra cultivada) na Terceira Hora a barca navega no rio de Osíris. Lá estão os deuses dos quatro pontos cardeais. O rio passa entre cadeias de montanhas e as divide. Lá fica a Escada que Leva ao Céu.*

CORO 1

*alguns deuses que já foram letais
hoje estão escondidos
em locais secretos
nas linhas dos parágrafos
entre labirintos de palavras
ou em rios de alfabetos*

NARRADOR

e na Terceira Hora
novamente a barca avança sobre as águas
os deuses dos pontos cardinais
bondosos e abismais
observam o curso do rio de Osíris

às margens desse rio encantado
tudo é verde e florido
o trigo é tão dourado
tão brilhantes os olhos
inocentes os sorrisos
tão bondosas as mãos

um semideus observa um personagem
cujo nome é Cid Campeador
e ele alheio à curiosidade que sua imagem
(forjada em alfabetos)
produz no semideus
observa Anúbis
(o majestoso deus psicopompo)
com muita admiração

monotonia dos remos
os remadores avançavam
os golpes compassam esperanças
de novos desafios
uma escada leva ao céu
as estrelas são guardiãs implacáveis
elas marcam o destino
mas é preciso passar pelo reino selvagem
de um deus escuro (o estranho Seker)

um hierofante do Egito antigo
herdeiro do deserto
(conhecedor de papiros e amuletos)
com olhos escuros fita um espelho de bronze
e desenha nas areias com um anel de esmeralda
pirâmides
esfinges
e mastabas
o sacerdote egípcio carrega
um pequeno escaravelho de lápis-lazúli
(pendurado do pescoço
com fios de papiros)

para não ser arrastado
pela chuva de nomes dos livros sagrados

o hierofante sabe
que o ser humano precisa da ficção
:
dos presságios
das cronologias
dos antigos calendários
da ficção renovada no círculo das palavras
dos conflitos imaginários
do sábio narrador
e do beijo de amor
(ou do beijo da morte)
que transmute as emoções

o homem precisa escalar montanhas
e encontrar o Portal
onde está escondida a Árvore da Vida
(a árvore criada pela luz astral)
além desse Portal
está o cálice de Ísis
e o rio que conduz ao perigoso Duat
e deixa cicatrizes das quais se orgulhar

CORO 3

*seres humanos precisam
do fio de ouro da poesia
mas os poemas exigem do autor
intrincadas acrobacias
é preciso remar até as origens
analisar as etimologias
olhar detidamente as raízes
os sorrisos dos santos e os olhos das meretrizes*

NARRADOR

um personagem pergunta sobre os senhores
do zodíaco de Denderah
o hierofante em silêncio reflete sobre o Ser e o Não Ser
e sente o vento no rosto
e olha o movimento das areias
e depois olha o céu e pensa

:

as constelações são espelhos do além
e a alma volta
(na vertigem das horas)
para a Terra e o Nada
envolvida nos corpos de éter e de luz
para aprender as lições do grande senhor Osíris
e entender as mensagens do branco e puro lótus
e do flexível bambu

antes do nascimento
a alma recebe um nome poderoso
depois da morte esse nome a reconduz
além do escuro *Duat*
do mundo das trevas ao mundo da luz

e sonha o sacerdote do Egito
com sua alma aderida à barca de Rá
olhando a cruz (o sagrado *Ankh*)
expressa perguntas metafísicas ao deus Hórus
e olha as respostas nas estrelas
e nas constelações
enquanto a barca avança lentamente
na terra de Seker

CORO 2

*Os leitores sonham
nos sete corredores
e nos sete recintos
de sete templos místicos
dedicados à Toth*

MONÓLOGO DE ÚRSULA

(Úrsula personagem de “Cem Anos de Solidão” de García Márquez)

uma noite deitei para dormir
olhando as estrelas
pela pequena janela
e acordei ontem

(deitada na barca de Rá)

assustada acariciei meu rosto
o rosto enrugado de uma anciã
olhei minhas mãos
as mãos enrugadas de uma anciã
minhas mãos enrugadas de amanhã

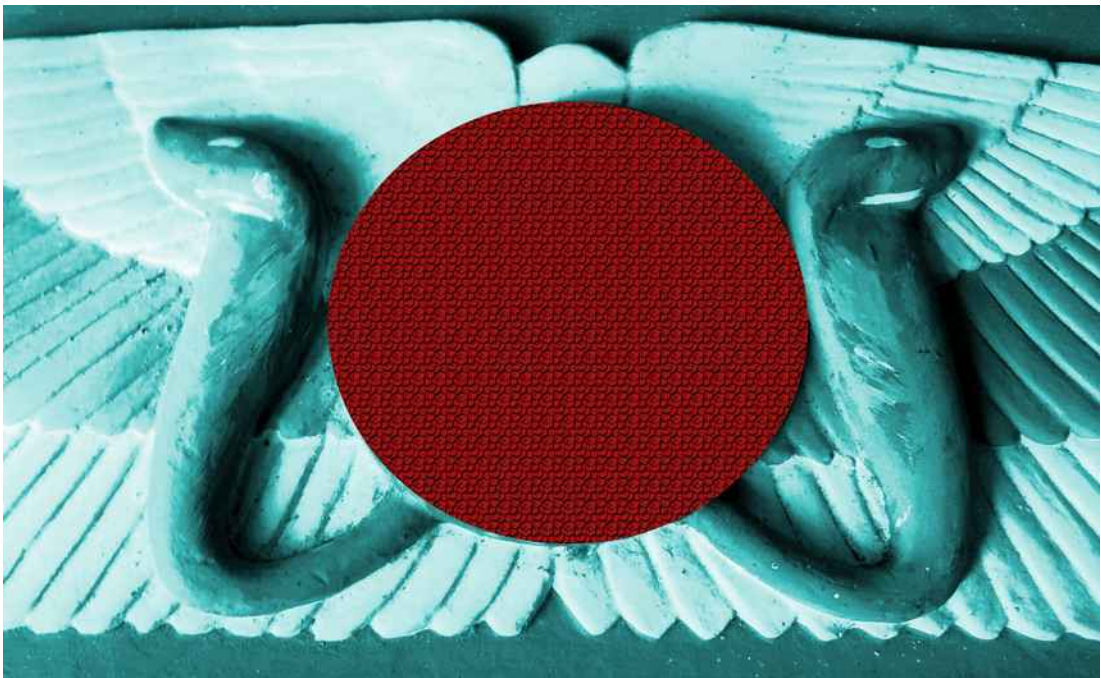
um passo mais
e meu corpo será só poeira
(no futuro passado)
mas não posso ser poeira
porque nunca fui uma mulher inteira

nasci da mente de um autor
eu sou só sombra
sou a sombra de uma ideia

CAPÍTULO 6

TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS

QUARTO PORTAL



ESCLARECIMENTO: *Viagem pela Terra da Escuridão – deserto de Seker – com portas secretas, muros e deuses guardiães. O faraó atravessa uma porta e entra numa antecâmara e é saudado pelo Mensageiro dos Deuses e por uma deusa. Eles dão passagem ao faraó abrindo uma pesada porta.*

CORO 1

*e se os humanos
fossemos apenas
personagens exilados
de um livro virtual
construído no passado?*

NARRADOR

a viagem continua (mistérios e esperança)
diante dos Mensageiro dos Deuses
silenciam as almas dos personagens mortos
mortos cujas cabeças
construídas por gestos opostos
(silêncios e letras - espaços e tempos
por água e por vento
por galáxias e por buracos negros
discurso direto - discurso indireto
murmúrios e pausas - soles e heliopausas)
só focam os leitores
famintos de alimento para suas emoções
sedentos das águas do conhecimento

CORO 2

*os autores relatam
longínquas hecatombes
(tristeza e desespero)*

NARRADOR

eternamente Don Quixote alimenta

sua paixão por Dulcinéia

eternamente Rodolfo grita

:

- Mimi! - nesse Paris de inverno

e na barca retumbam os passos

de Ivan Ilitch

e a noite

brincalhona

inocente

organiza as ideias ilusórias

:

o amor perfeito a inocência

o trunfo literário a glória

trunfo que se desfaz como os metais

no fogo de um vulcão

a nave continua

a parede é inclinada

uma descida inesperada

(em forma de espiral)

e na imperceptível construção das horas

erguem-se novas pirâmides

e os personagens pesquisam

os interstícios de cada rocha

(açoitada pelo vento do deserto)

e escutam o escuro lamento

canto azul encoberto

pelos sons dos remos que empurram a barça de Rá

um escriba desenha símbolos estranhos
em pequenos papiros e emaranhando
traços
ideias se espalham como aves
em imensas espirais
em espaços vazios
horizontes de eventos
que englobam as estrelas
a luz e o firmamento
e servem de alimento
aos buracos negros

nos buracos negros
tudo é ausência (negritude e silêncio)
os buracos negros a claridade anulam
porque nesses buracos nem a luz ondula
nem as partículas serpenteiam
nem resistem erguidos os castelos de areia

exilados na barcaça
escuros personagens construídos com palavras e vertigens
moram em algum livro e quando abrimos os livros
eles sempre estão lá
(a leitura concretiza o eterno retorno nietzschiano)
e Santiago
(um personagem ancião)
enxerga os leitores de “O velho e o mar”

sentado sobre a areia do deserto
o escriba pergunta

:

o que é o homem?

CORO 3

*e se os humanos
fossemos apenas
personagens exilados
de um livro virtual
construído no passado?*

NARRADOR

o sacerdote acrescenta

:

e se os homens fossem personagens exilados
no horizonte de eventos estaríamos confusos
transtornados
com pensamentos difusos
ou apegados a ideias
como os remos ao barco
ou um caule à flor

os humanos poderíamos ser só seres extraviados
obrigados a nascer e morrer
procurando restaurar
lembranças de outras épocas
cinzeladas no duplo etéreo

e ao aproximarmos do fim do firmamento
no horizonte de eventos
nossas experiências
seriam transferidas para os buracos negros?

desse jeito sempre que for aberto o livro da vida
a história estará completa

completa estará a história de cada alma
e de seu esplendor
 como a fachada de uma mastaba
(o começo e o fim já estarão gravados nos olhos exilados)

CORO 3
*e se os humanos
fossemos apenas
personagens exilados
de um livro virtual
construído no passado?*

NARRADOR

os personagens viajam
sentem no duplo etéreo
o frio das águas do rio escorregando
pelas letras
pelas frases ambíguas
pelas páginas
pelas sete palavras
(palavras sibilinas)
curiosos descortinam vocábulos de suas pupilas
parágrafos de suas mãos
e repetem a história completa de suas vidas
esperando que nunca sejam esquecidas

CORO 2
*Os leitores sonham
nos sete corredores e nos sete recintos
de sete templos místicos
dedicados à Toth*

ADENDO

MONÓLOGO DE ANA KARENINA

quero enterrar lembranças no alçapão
falar diante dos deuses sem temer
o julgamento - nem os olhares
sem sentir desamparo nas areia do deserto

sou um ser sacudido pelo vento
fui forjado nas brumas do pensamento
nascida da imaginação
do alento criativo de um autor

sou máscara (alegres ou tristes)
sou um personagem
mergulhado na linguagem
e nos interstícios da subjetividade humana
sou a filha de um autor

andando pelas amplas estradas do conto
ou do romance
os autores quase em transe
(como sagrados escaravelhos)
sonham personagens
ou eles sonham-se a si próprios nos espelhos
?

CAPÍTULO 7

TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS

QUINTO PORTAL



ESCLARECIMENTO: *Na quinta hora o deus Rá está nos domínios de Seker e é ajudado por 7 deuses e 7 deusas. Seker está dentro de um ovo de luz. Escuta-se um ruído forte. Da câmara lacrada sai uma lagoa cujas águas são como fogo. Momento do julgamento: o coração está na balança. Ele é aceito. O faraó retorna ao seu barco e vê a Árvore da Vida.*

CORO 1

Anúbis sentencia

:

*agradeçam a força do deserto
que disciplina os corações mortos
agradeçam o som monótono dos remos
pois permite entender o coração do vento*

NARRADOR

um ruído tempestuoso
no túnel circular do mundo subterrâneo
faz tremer a barca
simultâneos
barulhos de tempestades e gritos assolam o local
os personagens chegam à antecâmara
(nas paredes imagens de arqueiros e de tâmaras)
e são saudados pelo Mensageiro

Seker está oculto em um ovo sagrado
mas sua luz se revela e tudo clareia

pelo poder oculto no firmamento
(ferrugens das sombras e do esquecimento)

os personagens não sabem que um autor o guia
eles se sentem livres
não percebem a mão do escritor em cada linha
fazendo-os sofrer em As Vinhas da Ira
ou em A Montanha Mágica
ou na terrível Escolha de Sofia
ou em A Náusea ou no mundo vampírico
da Lua Nova e do Crepúsculo
e o escritor (o todo-poderoso para os personagens
quase um Apanhador no Campo de Centeio)
é também um simples receptáculo de ideias
no mundo dos vivos ele se mexe e teme
mas alardeia como um ser imortal

CORO 2
*qualquer autor
(consagrado ou pequeno)
pensa que é um arquiteto
criador de ficções
um lutador das letras
treinador de leões
domador de palavras
de conceitos herméticos
marinheiro em mares agitados
criador de universos diegéticos*

NARRADOR

o autor se considera um poderoso deus de O Castelo
de As Cidades Invisíveis ou do Paralelo 42
mas o autor é só uma ossatura
tarde ou cedo alimentará a terra
ficará esquecido na sua sepultura

o livre arbítrio dos personagens

é mais um discurso direto ou indireto
o personagem pensa que é um ser capaz de amar
de odiar de perdoar
ele se pensa nos corredores do tempo
e na vertigem do além
(como aquela Invenção de Morel)

os autores tecem e fragmentam os discursos de seus personagens
nas ondulações de seus ideais
e nas camuflagens sensuais ou sentimentais

sobre as areias do deserto
pergunta o escrivã
:
se nossas biografias
fossem só uma página do livro da vida?
e se as palavras que fogem de nossas bocas
fossem só armadilhas tecidas nas sombras
pelos deuses do caos?
só uma coisa é verdadeira
:
nós não temos a clave para entender a vida
e criamos teorias
 teorias e teorias
as alforjas estão cheias e as alma vazias
e fechamos os olhos porque temos medo
de entender as águas do rio da morte
talvez elas abortem nossos sonhos no além
e abandonados a nossa própria sorte
sejamos só como um barco
ou um livro esquecido em um canto qualquer

um canto de poeira (de poeira e olvido)
roçados pelo vento
como um livro antigo
um livro feito de ausência e sofrimento
quase um rancor semeado e esquecido
nas areias do deserto

NARRADOR

personagens acorados nos cantos da mente
empapados de palavras
descobrem sortilégios que fogem das horas
encaram verdades filosóficas
e surge a pergunta
:
autores revelam personagens
revelam miragens
ou revelam o rosto escondido
do eu cinzelado em um reino olvidado?

CORO 1
*no rio interminável
tão escuro e profundo e formidável
os deuses passeiam na barça
(mas o tempo é inexorável)*

CORO 2
*Os leitores sonham
nos sete corredores
e nos sete recintos
de sete templos místicos
dedicados à Toth*

ADENDO

MONÓLOGO DO FILHO DE PEDRO PÁRAMO

foi minha mãe que me disse para ir a Comala

até personagens temos um passado
de traumas e às vezes de fracassos
o ontem
nunca é completamente abandonado
memórias opacam percepções
(sempre restam entulhos de emoções)
e eu continuo neste povoado empoeirado
de ódio e solidão

prisioneiro do tempo
nas palavras exprimo o ontem
e o amanhã
mas temo o açoite do ódio e dos leitores

esse vento de Comala roça as mortalhas
e se pode perceber o rompimento
das frases e dos ecos
e a carta já foi lacrada
e marcada pelo destino
nada mais falarei - nada
minhas palavras não quebrarão o gélido alento do destino

CAPÍTULO 8

TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS

SEXTO PORTAL



ESCLARECIMENTO: *A barca de Rá passa pelo santuário de Osíris e o barco é puxado por deuses vestindo peles de leopardo.. Deuses com cabeça de chacal convidam a dar um mergulho na lagoa subterrânea. Deuses em cubículos zumbem como abelhas. Doze deuses seguram a corda no Duat, e a barca segue pelo Caminho Secreto.*

CORO 1

*os personagens avançam pelo rio
emocional e escuro
são invisíveis as mãos
subjéctivas as pontes
e concretos os muros*

NARRADOR

em um rio de escuridão e tristezas e abstrações
e livros e mais livros (vastidões de letras)
sob o domínio de Anúbis e o domínio de Toth
resplandece no escuro a máscara mortuária
e a alma solitária de Ana Karenina
como uma bailarina do ocaso desanima

tem magia no ar
doze deuses observam e cintilam
observam e asseguram uma corda no Duat
o Caminho secreto deve ser revelado
mas os personagens tremendo – lado a lado –
observam as portas com as pupilas mortas
e as portas se abrem com os conjuros mágicos
dos deuses protegidos por muitos talismãs

esses personagens tem alma de penumbra
nasceram em abismos de letras e paixões
sentiram aflições
e foram cinzelados em antigos alfabetos
personagens têm sede de prazeres
alfabetos na alma e dores nas entranhas
e perguntas nos olhares
e nas línguas adestradas
dormitam oximoros hipérboles e metáforas
e na mente cansada ressoam as anáforas

esses personagens têm afinados ouvidos
que escutam no silêncio os zumbidos dos deuses
e as canções de amor, de rancor e solidão
com olhares apócrifos observam os papiros
seus volúveis corações mudam de perspectiva
e sonham sinfonias
com vozes polifônicas
pronunciando discursos diretos e indiretos
eles tem seus destinos forjados em alfabetos
e no fluxo da consciência descobrem seus destinos
e alguns deles percebem seus órgãos dormidos
nos quatro vasos canopos
(muito bem protegidos
pelos filhos de Hórus - o grande deus)
e sentem o espanto de ver o outro lado do mundo
as sombras do submundo
percebem o tempo espelhado na alma
nas estrelas e nas linhas da mãos

nessas águas profundas os seres serpenteiam
e imitam os risos do bufão
o Bufão de Molière lança fortes gargalhadas
carregadas de fracasso e solidão
os personagens falam e suas vozes se escutam
entre batidas de remos - não é possível o descanso
(o esforço é supremo)
autores e remadores são quase irmãos gêmeos
e perscrutam palavras de mundos paralelos
barulhos cadenciosos que falam de outras línguas
línguas que permeiam o passado do ser
e quando a lua minguava ou ao florescer o lótus
percebem os sabores do trigo
do pão e do vinho
e como os adivinhos
percebem os sinais dos tristes ancestrais
que escutam sob a lua os uivos dos chacais
e as vozes de outros mundos
(alguns autores são viciados em haxixe ou em vinho)

falam os personagens com vozes límpidas
com a tristeza infinita de vidas sem futuro
surge o desejo de gritar
do fundo abismal do eu - esse vazio profundo
(vazio existencial)

Zaratustra é quem observa o submundo
(no eterno retorno Nietzscheano)
desejando um caminho sábio e fecundo
para vencer a travessia
e dizer que todos os homens são seus irmãos

CORO 2
*e uma serpente espera
(paciente e agoureira)
é a serpente Apófis
(a escura ignorância)
é a grande inimiga de língua viperina
é a cobra do mal
a fiel antagonista do saber e da paz*

NARRADOR

esses personagens
(estrelas cinzeladas em palavras e pausas)
clandestinos soçobram
no submundo de solidão e trevas
e tentam com discursos afiados fugir do esquecimento
que avança entre as águas e sacode a barcaça

são eles (os sedutores)
seus sonhos suas aventuras
seus ódios seus amores
conquistam os leitores
despertam admiração ou raiva ou paixão

o arqueólogo examina um sarcófago
e escreve no seu blog
:
quem eram esses seres?
escreveram o “Livro dos Mortos”
e abandonaram a Terra junto com seus deuses?
descansam nas estrelas ou no árido deserto?
eles deixaram inscrições em diorita
a diorita é rocha dura
– mas tem a sensibilidade
de uma ave triste e muda
e respira (sim)

os deuses egípcios respiram eternidade
pela dura diorita

CORO 3

*Os leitores sonham
nos sete corredores
e nos sete recintos
de sete templos místicos
dedicados à Toth*

ADENDO

MONÓLOGO DE MARGARITA GAUTIER

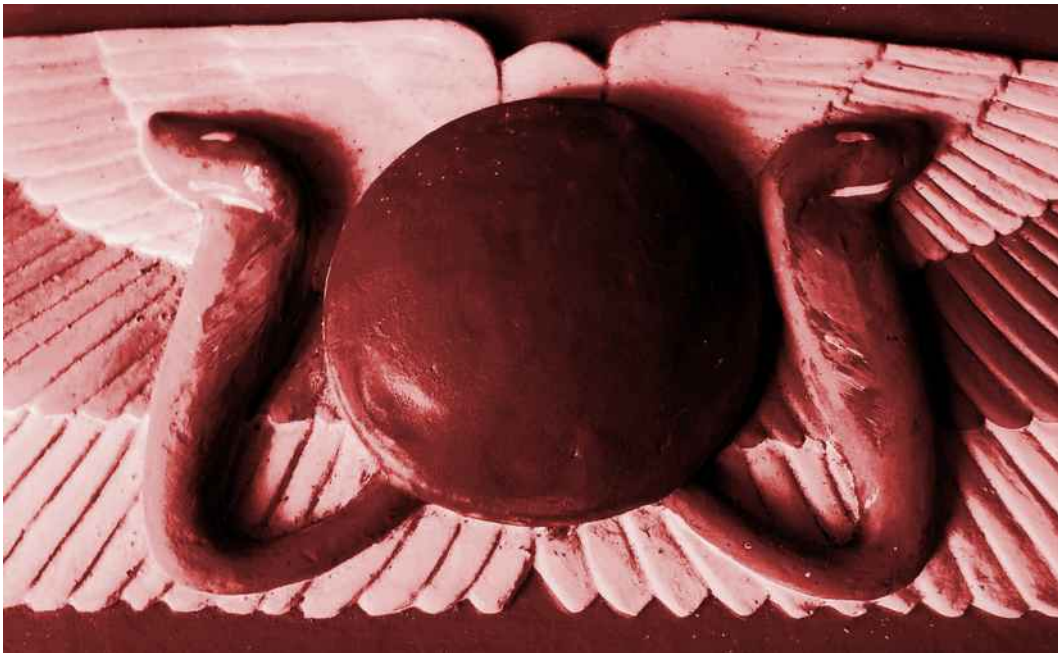
nesta hora de solidão
embarco na nave de Rá
sozinha
ninguém se aproxima
chovem rosas do céu
chovem tristezas nos espelhos

respira um escaravelho
dormido em meu coração
o tempo me deixou
no umbral da emoção
minha alma não sabe
cada parte do ritual
devo responder a verdade
porque estou na barcaça de Rá

CAPÍTULO 9

TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS

SÉTIMO PORTAL



ESCLARECIMENTO: *Na sétima hora, a barca de Rá é bloqueada pela serpente. Inicia a batalha. Aparece um deus com cabeça de falcão (Heru-Her-Khent), que usa o emblema do Disco Celestial. O hieróglifo de nome inclui o símbolo da escada.*

CORO 1

*e o eterno presente
foge pelos remos
e pelas vertentes
do pensar e do fazer*

NARRADOR

prolonga-se a noite
com algumas estrelas
a noite sempre triste
poética e sombria
com a Lua esculpida no poço do silêncio
criando sortilégios com algum amuleto
entretecido com fragmentos
da mortalha de Osíris ou das unhas de Anúbis

esses personagens da escuridão e da noite
são donos do açoite
e não conhecem brandura
são esses personagens
espreitadores de sombras
que vivem aventuras e vivem desventuras

escrever ficção é quase um jogo de xadrez

no qual o rei é o eixo
a grande ideia imóvel que permeia a obra
(a bela e Magna Obra)
que se dobra e se desdobra
entre as ondas de mercúrio
de enxofre e de sal

com a mensagem oculta
(textos escuros e subtextos)
o autor lavra os destinos
surpreendendo o leitor

Casanova fala
:
ainda estamos vivos
enquanto outros já foram esquecidos
existe um destino muito pior que o nosso
- permitam-me
com uma pequena frase dar um esboço
o eterno olvido é o pior destino

livros já foram lançados no fogo
e alguns personagens
arrojados no escuro abismo
(da Serpente Apófis)
o abismo do ontem que não tem amanhã

apoiado na popa da nave
Jean-Baptiste Grenouille se entretêm
sentindo o cheiro do rio
alguns personagens procuram seus amigos

em Busca do Tempo Perdido
pode-se ver nas retinas de um deus
o barco de Ulisses
e a força de Eneias
enquanto Sidharta e o barqueiro
discursam sobre a solidão

Penélope olha os movimentos
dos tenazes remos
que cantam os poemas de Ulisses

Aureliano Buendía
caminha pela barca
alguém pergunta se ele reencontrará a esposa morta
aquela que ele amou um dia
mas ele não responde - sua alma já está velha
porque em suas aventuras de guerra
e ambição
esfarelou a sua alma - queimou todo seu amor

primários e tenazes como as águas do rio
os personagens olham as margens
e o passado se torna longínquo como estrelas

esses seres (incorpóreos)
relatam suas vivências
prisioneiros entre redes de palavras
e redes de ambivalência

desabitadas as almas e as noites
nessa luta (luta sem fim)

luta impossível contra a serpente Apopis
alguns olham as estrelas
e estudam as constelações
outros olham as águas da emoção
e estudam as paixões
e outros (tristemente)
olham o céu esperando pelos raios do Sol
e ainda estão aqueles que murmuram
ou sonham

ao ver Khepre (o deus escaravelho)
Gregor Samsa (assustado)
sente-se atormentado
pelo escuro destino
enquanto o vento frio e úmido
agita as águas e a barcaça de Rá

CORO 2
*Os leitores sonham
nos sete corredores
e nos sete recintos
de sete templos místicos
dedicados à Toth*

ADENDO

MONÓLOGO DE GREGOR SAMSA (Personagem do livro A Metamorfose de Kafka)

eu olhava as espigas e o Sol no verão
era caixeiro viajante
antes de ser quase mutante
nas sombras das águas vejo os rostos amados
meus pais minha irmã
uma estranha metamorfose
me mostra bonequinhos de papel
que dançam entre as estrelas

inserida nas cartilagens das horas
como veneno numa zarabatana
ideias em caravanas
modificam meu estado anímico
um espelho quase iluminado
reflete sons
reflete o canto de alguns pássaros
emplumando noites de nostalgia
respira o vento nos meus ouvidos
alguém toca o alaúde e canta
mas eu não nunca recuperei minha vida
porque perdi minha forma humana

CAPÍTULO 10

TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS

OITAVO PORTAL



ESCLARECIMENTO: *Na oitava hora os personagens chegam ao “círculo dos deuses ocultos”. Aqueles que conhecem os nomes desses deuses são saudados. O barco de Rá é protegido por uma serpente.*

CORO 1

*somos simplesmente
ecos de uma mente
ecos de uma vida
ou ecos de uma morte*

NARRADOR

escuta-se esse ranger dos remos!
rangem os remos contra as águas
sonhando algum porto imaginário
ou alguma metrópole fria como necrópole
fria como a agonia dos mortos

na outra margem do rio
existem esculturas
pirâmides
e deuses
(misteriosas criações da Enéada)

cada viajante tem o direito
de deixar suas pegadas nas areias do deserto
dançam as sombras
sobre as águas cheias de presságios
dançam entre as estrelas
dançam com a música dos remos
e com o vento

e os remadores remam aos compassos
da esperança e da morte

os amplos gestos das sombras contrasta
com os gestos comprimidos
dos personagens que estão de pé
apinhados no barco
escutando o canto de um pajé

cessa o vento
diminuem as ondas no rio
e as sombras começam a vomitar palavras desconexas palavras
para os deuses (indiferentes)
as sombras sonham utopias
falam palavras de sombras (fantasias)
na escuridão reina o silêncio sem melodias
a fumaça a névoa a tristeza
o medo do julgamento
a sina das estrelas escondidas na penumbra
e as orações dos mumificadores

perto dos deuses
permanecem quietos os mumificadores
(servos de Anúbis)
eles observam Margarita Gautier,
e visualizam os vasos canopos e o sarcófago
(Margarita – a bela
sorridente e eterna)

perto de Margarita o homem que calculava
calcula o número de deuses desse Portal

as ondas
e as batidas dos remos sobre as águas

nesse universo de escuridão e de ficções
cinzelados nos murmúrios do narrador
os personagens se perguntam
por que não conseguem sair das páginas e sem alienações
procurar uma nova vida?
por que no mundo dos livros
são eternizadas as ações?

os personagens permanecem enredados
nas palavras
e no eterno retorno
dos olhares
que esquadrinham as mesmas páginas

Sherlock Holmes depois de voltar da morte
(renascido para novas aventuras)
com olhos de coruja
que desconhecem a ternura
observa os confins do mundo e do silêncio
e as garras das nuvens e os gritos do vento
mexendo-se com os vaivéns da nave

alguém pronuncia os nomes dos deuses
e os deuses apreciam
escutar os sons de seus próprios nomes
e belos cantos de júbilo
invadem esse rio
afastando de súbito

a horrível solidão
e mostrando que o destino pode ser generoso
como as águas de um poço
as quais saciam a sede dos peregrinos
e capturam a luz da Lua
para criar entrecortadas imagens
de beleza e ternura

CORO 2

*Os leitores sonham
nos sete corredores
e nos sete recintos
de sete templos místicos
dedicados à Toth*

ADENDO

MÓNULO DO PEQUENO TIM (a criança doente de Um Conto de Natal de Dickens)

há anos navego na barcaça – eu morri criança
era apenas um passarinho no ninho
uma flor do inverno – nasci velho e doente
nasci como o poente (quase sem luz)
só com alguns raios potentes

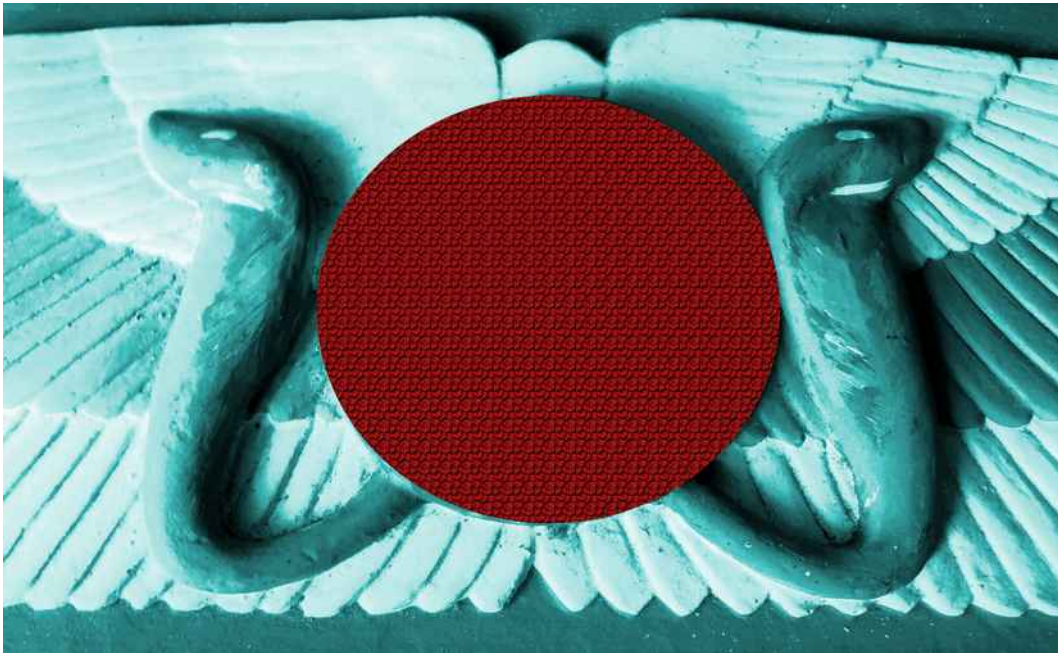
nasci velho - nasci triste
um ancião
nasci para existir por poucos anos
fui cinza
fui adeus
agora sou lembrança
sou ontem e amanhã
sou a sombra que reflexa
a manobra do timoneiro

sou como um pássaro petrificado
sou apenas um menino
sentado na barcaça
aqui estou protegido
(não sinto dor nem frio)
e espero - minha alma é tenaz
quero reconhecer nos olhos de Anúbis
o antigo caminho para a Morada da Eterna Paz

CAPÍTULO 11

TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS

NONO PORTAL



ESCLARECIMENTO: *No nono portal está o local de repouso dos 12 Divinos Remadores do Barco de Rá - eles remam há muitos anos. São realizadas oferendas de pão e cerveja para as divindades do Duat. Doze Uraeu lançam fogo pela boca para iluminar a escuridão.*

CORO 1
*as águas tão escuras
as águas tão profundas
convertem-se em fumaça
arrastadas pelo vento
no cruel rio do tempo*

NARRADOR

a nona hora só atíça o fogo dos doze Uraeu
cujas bocas queimam e iluminam a escuridão
e destroem os inimigos ocultos
e as nuvens de penumbra
tristeza e desamparo

palavras ironizam rivalidades
descrevem entardeceres
e mapeiam peculiaridades do eu escondido sob as máscaras
impostas pela sociedade
sociedade que trata o gênio possuidor do fogo dos doze *Uraeu*
como um louco

quebram-se as duas máscaras do infinito
(do Alto e do Baixo Egito)
porque os deuses... os deuses raramente

dão dois presentes a um simples ser humano
genialidade só mesmo é reconhecida com a morte do literato ou do artista
cujo corpo vivo (crivado de críticas e olhares)
opaca sua genialidade

quantos escritores e poetas
deixaram de escrever pois as cobras do medo
criam e recriam bloqueios?
alguns temem os críticos ou os leitores
ou temem o mundo paralelo

uivam os personagens e os autores
os encerram no castelo do inconsciente
sob sete chaves
para que não assombrem o escritor
mas os medos reaparecem
sob as máscaras mortuárias
(os autores precisam do aplauso e da glória)

Juan Rulfo
(foi narrador das mortes dos corpos e das almas)
foi um escritor
e o mundo inteiro era
seu campo de pesquisa
mas deixou de escrever quando o tio Celerino
seguindo os cheiros da mirra e do olíbano
escolheu pernoitar na barca de Rá
depois de ler as cartas do tarô
(entre os escombros)
e aceitar a face escura do destino

no alçapão do mundo
(mundo infecundo)
os demônios espreitam junto com as cobras
(guardiãs das cimitarras)
ditirambos da noite
dançam os personagens

a literatura foi criada
para suplanta a mitologia
pois o homem tem tendência à mitomania
gosta da acrobacia linguística
e imagina os cantos dos deuses
ressoando perto de seus ouvidos
porque não suporta o silêncio nem o vazio

a literatura pode visitar o mundo dos mortos
pois é como Osíris que renasce
nas esferas do além
quando seu irmão Seth
o esquarteja em quatorze pedaços
e a bela Ísis
(convertida em ave)
mexe as asas e o ar
e com essa secreta clave
consegue mexer o vento e as naves

Ísis e Osíris (o divino casal)
inspiram outros mitos
mudam perspectivas
respiram pelos brônquios proféticos e poéticos da noite
mergulham nas águas da ficção

e criam personagens

com carinho e paixão

a literatura intercala no caminho frenético

abóbodas infinitas de pressentimentos

premonições fantasias

sonhos delírios

vozes dos pássaros e da chuva e do rio

CORO 2

*continua a viagem
a viagem continua misteriosa e profética
sentados na barça
(enfileirados os nomes em ordem alfabética)
remam os remadores
remam
remam
e remam*

CORO 3

*Os leitores sonham
nos sete corredores
e nos sete recintos
de sete templos místicos
dedicados à Toth*

ADENDO

MONÓLOGO DE OFÉLIA

Personagem: Ofélia - Obra: Hamlet – Autor: William Shakespeare)

era penumbra antes de chegar o sol

eram as sombras

:

ilusões mortas

rancor e solidão

subjetivas maneiras de entender

: o ontem já se foi

foi-se também o amor

e o amanhã só existe

nos meses e nos anos

somos seres do tempo - sem tempo

somos como as flores

- falamos com a brisa

murchamos com as dores

CAPÍTULO 12

TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS

DÉCIMO PORTAL



ESCLARECIMENTO: *Na décima hora, vários barcos transportando deuses amigos de Rá chegam para matar os inimigos. Uma serpente com duas cabeças Em cada cabeça equilibra uma coroa e em suas costas, um falcão. Divindades com armas derrubam os inimigos. Quatro deusas, levando serpentes sobre suas cabeças, iluminam os caminhos.*

CORO 1

*a videira multiplica as uvas
a roseira a fragrância das rosas
o vento açoitas as areias
terra água ar e fogo
seco frio úmido quente
(várias são as vertentes)
mas só o tempo transmuta todas as formas*

NARRADOR

Rá mexe seu cetro
e a barca navega nas águas do futuro
do rio escuro (rumo ao passado)
na proa
um disco solar com uma serpente envolta
escolta
o tempo que foi e do tempo que será
a serpente engole as horas que se passaram
e a barça se transforma em um inconsistente mundo
em movimento sob o alento de Rá

(senhor supremo)

a barcaça é quase um sarcófago
esculpindo sobre as águas sinais profundas com os remos
o silêncio pesa
porque homens e personagens perambulam
com culpas e lembranças
mumificadas na alma
e tem medo da balança
a balança que pesará os corações e pesará as emoções

na fronteira entre o dia e o sonho
a barca se agita
entre a noite e a aurora
entre as almas e o abismo
entre as águas e a morte
movimenta-se a barca de cedro arrastada por um crocodilo mágico

na geometria das sombras
(geografia dos mistérios)
alguns dos deuses exibem anéis
anéis com grandes esmeraldas
mas os personagens só desejam saber
quem foi o seu criador
alguém os inventou
deu-lhes vida entre as páginas
criou roupas e casas e cidades de palavras
(ilusões)
os personagens sonham com eternidades
obstinados nessa barca
sonham com voltar às páginas dos livros

no néscio intento de sufocar o medo
e de fugir do esquecimento
repetem as palavras “do livro dos Mortos”
gravada em um cajado
:
“não serei destruído e meu nome não será apagado”

o que eles são já está escrito nos livros
eles são personagens de papel
suas vidas estão lá
(letra por letra)
sendo contada eternamente
como um carrossel amarrado
a uma corrente de eventos
cujo alinhamento é marcado por constelações
de sonhos e paixões
de longínquas estrelas pulsantes e belas

existe uma memória que une os fragmentos
e monta os retratos dos personagens mortos
prisioneiros dos livros
de seus afazeres
de amores e de medos
prisioneiros dos encantamentos dos sarcófagos
assolados pelo medo mais terrível
medo de ancorar no mundo do olvido
de viver lembrando o tempo perdido
onde as pálpebras cobertas de musgo
e de silêncio e de abandono
sem que a alma possa murmurar
:

“eu perdo”

é o desamparo nos braços (sem ecos)
e a dor de carregar o mundo sobre os ombros
definhando sobre o rio
na barca conduzida por deuses indiferentes
sem desejos (emoções ausentes)
como com uma imagem refletida
nos cacos de um espelho
entre os quais dorme um escaravelho
sonhando com o Sol

os personagens viajam nus nos substantivos
e viajam nos verbos
seus diálogos impressos
lidos milhares de vezes
expandem seus dias deformados
comprimidos em frases
no tempo e no espaço
e os personagens se perdem às vezes entre o ontem e o amanhã

alguns livros foram escritos com verbos no passado
e os personagens reclamam porque nunca tem presente
tudo foi

- nada é

nada será

o mundo é transformado em um eterno ontem
(um ontem sem amanhã)
e eles não conseguem colocar a vida em ordem
porque são prisioneiros dos círculos do tempo
e ainda que suas vidas transbordem

como um rio
o ontem nunca desemboca no amanhã

e esse outro céu sobre as águas parece imenso
é um convite a aventuras
a caminhos diversos
mas o destino dos personagens já está determinado
e nas últimas páginas o personagem
é desterrado da história
ou morre
ou escapa dos ardis e é feliz para sempre
sem mudança
sem direito a experimentar outras opções
mas o que significa ser feliz
viver a vida sem ter que desenterrar a raiz dos problemas ?

é possível ser feliz sem chances de ter uma nova experiência
de cometer algum ato de imprudência
de amar - de odiar
de conhecer o infinito universo
que se estende além do olhar?

encurtam-se as distâncias
e o personagem suspeita
que esse autor não tinha motivos para escrever
o outro tinha preguiça
um autor forjou seus personagens moldados
nas pessoas que conheceu quando criança
outro só falou de si mesmo com dezenas de máscaras
na fronteira do mundo ficcional a realidade se confunde com as cinzas
a vida é uma sucessão de tempos e de espaços

onde a criança doente é salva pelo riso do palhaço
e o gato nunca come o rato desvalido
a doce donzela descobre que havia mentido
e havia sido descoberta pelo desconhecido
que no baile de máscaras confessou a sua paixão
quase um quebra-cabeça
fingindo organizar a fronteira
do universo narrativo
quando descreveu cidades e ruas e praças
e desenhou círculos com os olhos
falando de premonição, de morte de planos temporais e tempo psicológico
e martelando palavras ou pensamentos

e os críticos investigam
como pintar uma cidade
com a claridade das palavras?
ocultando o tempo e a distância?
como falar o tempo e da distância
ocultando a cidade?
com as mesmas palavras escurecidas

personagens oriundos
dos vórtices profundos de mundos imaginários
instigam o autor
para desenvolver um núcleo
a partir de uma imagem de um mundo paralelo
de um universo de sonhos
de alegrias de tristeza ou desamor
e o personagem se pergunta onde surgiu
em qual momento o autor decidiu sua existência
em qual palavra (ou ideia chamejante)

ele já estava implícito como protagonista
ou antagonista
ou personagem secundário
ou personagem irrelevante

em alguns textos
(com prudente afastamento)
pode rolar pelo tempo labiríntico
sente os perfumes das flores descritas
com palavras concretas
qual pequenas violetas
que lançam sua fragrância
alguns textos pequenos são joias perfumadas
e outros textos extensos resultam pequenos para expressar a alma
dos personagens com sonhos imensos
os grandes acontecimentos nem sempre são acompanhados
pelo olhar criativo
que advêm do olhar capaz de esquadrihar
a alma do personagem
e o comportamento plural

o mundo subjetivo é só um orbe de possibilidades
como o sabor do vinho
ou os espirituosos arcanos do tarô
ou aquele poema belo
que mergulhou no rio do esquecimento

os remos batem nas águas
e esses personagens parecem muito tristes
parecem tão sozinhos
alguns são meio loucos

outros decidem lutar juntos aos aliados de Rá
contra a grande serpente do mal

CORO 2

*Os leitores sonham
nos sete corredores
e nos sete recintos
de sete templos místicos
dedicados à Toth*

ADENDO

MONÓLOGO DE EMMA BOVARY

Emma Bovary olhando-se no espelho

:

minha sombra é sutil

volátil

um pássaro em pleno voo

arremessado pelas palavras

no vértice da alma

na busca do amor,

no prazer de ser mulher

de viver a vida que sonhei

na vigília – ardem amores

estão dormindo os espelhos?

dormindo na bruma e no cinzento céu?

eu vivo no vórtice de uma viagem – subjetiva

e o espelho silencia

CAPÍTULO 13

TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS

DÉCIMO PRIMEIRO PORTAL



ESCLARECIMENTO: *Na décima primeira hora, Rá segura um cetro. Uma serpente envolta um disco solar engole as horas. Uma estrela que está dentro do barco ilumina os deuses. Os inimigos de Rá são destruídos. Deuses das sombras se alimentam dos gritos das almas lançadas ao fogo.*

CORO 1
*intemporal sombrio
o tempo fragmentado
pela serpente
avança sobre o rio
navega na barca de Rá
e ancora nos olhos da saudade*

NARRADOR

Rá assegura um cetro
de pé
calado
na proa do barco
onde a carranca de proa tem uma serpente
rodeando um sol e devorando as horas
a barça avança pela areia
surgem presságios
medos ocultos e promessas
os personagens insones
pensam qual é a diferença
entre um personagem de letras
e um homem de carne e osso...
se os dois (tarde ou cedo)

terminarão no fosso do esquecimento

CORO 3

*nesse rio escuro
os remos batem as águas
e avançam para a luta
contra a grande serpente
pois só vencendo o mal renascera a luz*

e Anúbis sentenciar:

os personagens dos livros e os homens
tem as palavras contadas
e quando a última palavra
no momento da aurora ou ao cair da noite
é pronunciada
o mundo se encolhe e se torna barcaça
(termina a jornada)
e começa a viagem pelas horas
e pelos fiapos do tempo
tempo tão quebradiço e estéril quanto o deserto
e lá o homem compreende
a inutilidade da arrogância
porque ninguém é nada

ninguém é nada mais que sombra
e cinza
ou peça de um tabuleiro
no qual os deuses do destino
jogam jogos de xadrez
e o cristalino futuro é revelado:
uns serão quase felizes e outros serão azarados
uns crescerão espiritualmente
e outros ficarão prisioneiros
da ambição demente
da palavra esquecida que retorna da morte

(ninguém queima o passado - ele sempre renasce)
alguns tentam ver o destino
através das letras invertidas
lidas em um espelho de bronze
e ficam aborrecidos
quando o grande Toth solta uma gargalhada dizendo:
“vocês não sabem nada
o destino é tecido pelos deuses da noite”
e não precisa nem mostrar um chicote
pois o destino açoita aos jovens e aos velhotes

são os autores (os verdadeiros tecedores)
dos destino desses seres
os autores inventores de jogos literários
tecem num jogo arbitrário e sem piedade
tecem o destino dos personagens
na carruagem do tempo
os autores não sabem que são deuses
e ignorantes tecem os destinos
dos pobres seres do universo paralelo
com a indiferença
de quem esculpe figuras nas águas
nas areias ou no gelo
e a insônia
 a solidão
 e a memória
fazem dos personagens quase aves míticas
e Zaratustra de Nietzsche indaga:
em qual galáxia seremos imortais?

esses personagens respiram nos livros

respiram nas palavras
segundo à modelagem de um autor obcecado
por miragens ou arquétipos
e contam as histórias de seu próprio passado
(real ou imaginário)

sonhados personagens
 seres quiméricos
 umbráticos
desafiam os meandros
e a vértebras do tempo
comovem e impulsionam o mundo da ficção

será que eles persistem no mundo da penumbra?
eles morreram no mundo da ficção?
estarão assustados
 sem amor
 esquecidos
qual pássaro sem ninho
nessa nave de cedro
navegando sobre águas escuras - navegando rumo ao Sol?

a poderosa nave que navega nas águas
das escuras emoções
e nas areias quentes do mundo das paixões
e na árida planície beijada pelo sol

enquanto o tempo permanece estático nas páginas dos livros
e sempre que abrimos a primeira página da Metamorfose
encontramos Gregor Samsa “acordando de sonhos intranquilos”
e a Emma Bovary sentada à mesa observando um velho vil

que na juventude havia sido amante de uma rainha

mas eles (os personagens)

será que não pulam das páginas?

os personagens mortos acompanharão a nave?

o que farão esses seres na barca

e na penumbra

nas águas tão profundas

do rio do além?

CORO 2

*os leitores sonham
nos sete corredores
e nos sete recintos
de sete templos místicos
dedicados à Toth*

ADENDO

MONÓLOGO

(Do protagonista de O Barão das Árvores, de Ítalo Calvino)

nos interstícios sombrios
o coração cansado de esperanças
do vento do ocaso
cansado de palavras
das marcas nas areias
 dos dias
 das noites

rasgados os sonhos
o rascunho permanece na memória
oblíquas palavras mantêm
o encanto do antes e depois
oblíquas palavras desenhadas
nas asas dos pássaros
nos bicos das garças

aves cantam sem parar a melodia
de uma fábula da época de criança
uma fábula
esquecida nesse ontem
limitado pelos muros do tempo
esse ontem que me espera perdido entre os ecos do amanhã.

CAPÍTULO 14

TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS

DÉCIMO SEGUNDO PORTAL



ESCLARECIMENTO: *Última hora da viagem. Profunda Escuridão – momento chamado Montanha da Ascensão de Rá. É nesse momento Apófis ataca o barco de Rá. Última tentativa dos inimigos. Apófis é derrotado. O deus-Sol renascerá assumindo a forma de Khepra (o escaravelho).*

CORO 1

e surge uma pergunta

:

*os mortos não reclamam
vivendo na penumbra
na sombra tão profunda
da própria solidão?*

NARRADOR

Anúbis retira o remo da presilha
e o coloca nas águas para sondar o rio
e ver se existem reflexos de barcos inimigos
mas só percebe peixes aloucados
fugindo velozmente
e Anúbis repara nesse instante
que já venceu a batalha
e as luzes das almas
com brilhos incandescentes
mostram que o Bem triunfou

entretanto Toth escreve
e a bússola do tempo se mexe lentamente
rumo ao Norte magnético da linguagem
algumas palavras morrem

outras renascem nos confins do silêncio
às portas de um templo
onde a imagem de um escaravelho
(em lápis-lazúli)
mexendo-se na barca de Rá
captura o olhar
(pois Khepri está gravado
nas águas torrenciais do futuro-passado)

o sacerdote (exilado entre sombras)
percebe
:
cadáveres pululam na textura da noite
mas o escaravelho espera pacientemente
o nascimento do Sol
de repente Khepri voa sobre um papiro
e o hierofante cinzela com cautela
algumas letras com cinzas do passado
e pensa
:
em algum lugar do universo paralelo
está tatuado nosso mundo
talvez no reverso de um espelho curvo

Anúbis e Hórus e Toth navegam entre as letras da noite
refletidas no curvo espelho do mundo
navegam entre vogais na paisagem desértica
paisagem retalhada pela areia
e por uma religião já morta hoje catalogada como mitologia
mas cuja dramaturgia ainda nos arrepia
e transforma o além em poesia

voa sobre um papiro o grande Hórus
e joga sobre as areias
letras e mais letras – são as letras de Toth
talismãs
frases sibilinas nascidas da noite e da dúvida
habitam personagens do deserto
personagens esculpidos em placas de diorita
(mas eles não repetem as frases calcinadas)
pois os deuses forjaram a alma humana
plasmaram uma visão escatológica
e inspiraram a construção das pirâmides
(que antecedem à várias civilizações)

o Egito dos faraós
eterna ilha no mapa civilizatório
reflete nos papiros
nessa vertigem de textos migratórios
que os sábios estudam
para saber se as almas
retornam como as andorinhas no outono

um remador lança uma pedra
gerando ondas concêntricas nas águas
um pássaro de fogo
(desenhado na barca)
adquire vida quando um loco
contando contos e estrelas escuta a voz de um cego
:
“Inúmeros são os astros
complexos os sentimentos

e os silêncios são inúmeros em seus significados
e as palavras germinam quando caem nas águas
e os silêncios morrem sobre o deserto inóspito
se a Lua cheia brilhar no céu opaco

quando o silêncio ao brilhar ilumine às sombras
renascerá a ave de fogo
o homem-pássaro fará um voo raso
no deserto
as pegadas da ave ficarão gravadas no vento
e uma ave cega sem olhar nas águas do rio da morte
transformar-se-á em vento
e açoitará as pirâmides
e ajudará a abrir as flores azuis do silêncio
e as brancas flores da espiritualidade
e escreverá “homem” nos pés da grande esfinge
e um trovão longínquo
açoitará os sonhos e a açoitará a noite

um silêncio obstinado invadirá os papiros
e a esfinge falará soturna
perto de meus ouvidos
:
existem homens que caminham
sobre as areias do deserto
homens que mergulham nas águas
e outros que são levados pelos ventos
existem homens cujas almas sitiam o fogo
os homens de fogo mental – homens pássaros
(etéreos)
eles voam sobre a horizontalidade do mundo

atravessam o deserto
e ancoram nos olhos dos escuros morcegos
destruidores dos pequenos egos

Anúbis bate três vezes seu cajado
sobre a areia
treme o céu povoado de estrelas
e o deserto é transmutado
em um azul oceano de possibilidades
(horizonte de eventos)
e os seres de papel
(os personagens mortos)
descobrem novas realidades

a barca navega nas águas do futuro

inconsistente mundo em movimento
(quase um sarcófago)
esculpindo com os remos
sinais profundas sobre as águas

na décima segunda hora
Rá renasce ao leste no horizonte egípcio
a solidão abraça os totens
construídos com palavras
(formas imaginárias)
Os personagens adquirirão vida
(e longe dos autores)
temendo que suas histórias possam ser esquecidas
continuam discursando nessa nave perdida
sob o olhar feroz do chacal

que acompanha as almas nessas viagens

talvez os personagens sejam simples máscaras
e os autores escondendo seus rostos
sejam os verdadeiros seres exilados
que vivem suas vidas navegando...
navegando nessa barca perdida
ou tudo isso acontece
na biblioteca de um templo
de uma cidade-fantasma
(no horizonte de eventos)
ou em uma galáxia afastada do centro
que já foi engolida por um buraco negro

o Sol renasce
vê-se no horizonte seus raios amarelos
abençoada seja a Terra
e abençoado seja o Céu.

RÁ

RÁ

RÁ

ADENDO
MONÓLOGO FINAL

Um hierofante fala

:

a arca

a barca

o silêncio

o incenso

a alma

ora fixa na matéria

ora nas grandes obras imaginárias

despencam as mentiras

no silêncio aterrador da barca de Ra

os personagens mortos levam mirra e incenso

para incensar os templos

e cantam santo santo santo

e o altar do mistério

é invadido por escorpiões pretos e amarelos

a alma peregrina submergida nas sombras

volta o seu rosto para a luz

entrecruzam-se as dimensões

e depois de uma pausa a viagem recomeça.

CAPÍTULO 15

TRAVESSIA DOS PERSONAGENS MORTOS PELOS PORTAIS DAS 12 HORAS

POSFÁCIO



ESCLARECIMENTO: Ao termo da viagem os personagens mortos na barca de Rá atravessaram os 12 portais das 12 horas.

*¿Quién los ve andar por la ciudad
si están todos ciegos?* – Júlío Cortázar

CORO 1

*quem vê os personagens?
quem tem essas miragens?*

quem deixará a bagagem

de medo e preconceitos?

NARRADOR

os loucos, os bêbados, os poetas?
o escritor ao açoitar o tempo entre palavras
o palhaço ao mastigar os risos
e emanar gotas salgadas como lágrimas
o pintor
esgrimista sempre atento
da cor do vento e da cor do desalento
o ator
que em aparência é sereno remanso
mas só se sente vivo depois que desce o telão
e escuta os aplausos
o diretor de teatro

cuja vida (sem cautela)
é desnudada em um cenário
sob a luz trêmula de uma vela

os personagens andam pelos bares
às vezes
bebem
outras vezes choram
ou riem nas ruas ou cantam ou falam palavras olvidadas
falam do rio do sol
da chuva das flores
das palavras das vírgulas
de algum amor que congelou o coração
ou despertou o desejo
de alguma canção que escutou no berço
ou falam da morte ou do além
ou da barca de Rá
(de silenciosa acuidade)
a barca sobre o perigoso rio do submundo
tão sombrio e profundo
cujas águas refletem a última verdade

CORO 1

*quem vê os personagens?
quem tem essas miragens?
quem superará a bagagem
de medo e preconceitos?*

CORO 3

*vemos eles nos sonhos
no mundo subjetivo
nesse mundo perdido
de luz e solidão*

CORO 2
*os leitores sonham
nos sete corredores
e nos sete recintos
dos sete templos místicos
dedicados à Tot.*

ISABEL FURINI



Isabel Furini é escritora, poeta, palestrante e educadora. Autora de 30 livros, entre eles, dos livros de poemas “Os Corvos de Van Gogh” Editora Instituto Memória, 2013; “,,, e outros silêncios” Editora Virtual Book, 2012 e “Os Relógio de Dalí” (e-book). É membro da Academia de Letras do Brasil/Paraná. Foi nomeada Consulesa da Academia Poética Brasileira; recebeu Comenda Ordem de Figueiró e foi nomeada Embaixadora Internacional e Imortal da Poesia pela Academia Virtual de Letras, Artes e Cultura do Brasil, em 2015; Embaixadora da Palavra pela Fundação Cesar Egido Serrano (Espanha); Embaixadora da Rima Jotabé, Espanha. Colunista do Paraná Imprensa e da Revista Carlos Zemek de Arte e Cultura, criadora do projeto Poetizar o Mundo. Participou de exposições de Poesia no Brasil, Portugal e Argentina.

Prêmios: 1º Lugar no Concurso Organizado pela Coninter, em Portugal, 2015; 1º Lugar no Concurso da Academia Campolarguense de Poesia/PR, 2013; 1º Lugar Concurso da Academia de Letras Itapemense, SC, 2010; 1º Lugar no Concurso Internacional Missões/RS, 2005; 1º Lugar no Conc. Est. de Poesia de São José dos Pinhais/ PR, 2002; 2º Lugar no Concurso da revista Katharsis da Espanha, 2009, 2º Lugar no Concurso de Poesia da Academia de Letras, Ciências Artes de Ponte Nova (ALEPON), MG, 3º Lugar, Concurso de Poesia da UFF (Niterói, RJ), em 2010.

FEIRAS DO LIVRO:

Convidada para realizar oficina e palestra na 9ª Feira Internacional do Livro de Foz de Iguaçu, PR, em 2013;
Convidada para ministrar oficina literária na Bienal do Livro e Leituras de Campo Mourão, 2015.

LIVROS PUBLICADOS NA ÁREA DE POESIA

1. LIVROS DE POEMAS

O homem e Deus. Edição do autor – 1985.
Vírgulas, e outros silêncios. Minas Gerais: VirtualBooks, 2012.
Os Corvos de Van Gogh. Instituto Memória, 2013, Curitiba/PR.
Os Relógios de Dalí, e-book, 2016.

2. LIVROS INFANTIS

Corujinha e os Filósofos– Editora Bolsa Nacional do Livro, Curitiba/PR.
Joana, a Coruja Filósofa - Editora Sophos, Florianópolis/SC.
O Grande Poeta – Matrix Editora, São Paulo/SP.

TRABALHOS PUBLICADOS EM REVISTAS E JORNAIS

Poemas e contos publicados no Brasil: Revista Zunái (editada pelo poeta Claudio Daniel), Jornal Cândia (editado pela biblioteca Pública do Paraná) Biografia (editada pelo poeta Daufen Bach), Revista Mallarmagens, Almanaque Chuva de Versos 404 (editado por José Feldman), Franzine Episódio Cultural, Revista Mirante. Revista Brasileira de Poesia (editada pelo jornalista Mharío Lincoln).

Em Portugal: Jornal Correio do Porto; Revista eisFluência e Revista Fénix.

Na Espanha: Palavra Comum.

Na Argentina: Poemas no Blog Crônica literária - coordenação de Marcelino Alvarado, Comodoro Rivadavia.